

Por Caroline Martin
Especial para *O Papel*

DIVULGAÇÃO CONSUFOR

Indústria de celulose e papel registra bons resultados em 2017



Fôlego proporcionado pela recuperação econômica do mercado interno e demanda aquecida no mercado internacional também devem favorecer desempenho deste ano

A crise econômica que assombrou o Brasil em 2015 e 2016 começou a se dissipar em 2017, conforme indica o crescimento de 1,0% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, registrado no último ano. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o incremento totalizou R\$ 6,6 trilhões em 2017 e é resultado da expansão de 0,9% do valor adicionado a preços básicos e de 1,3% nos impostos sobre produtos líquidos de subsídios. O balanço da produção industrial de 2017 – também divulgado pelo IBGE – aponta que a produção nacional apresentou alta de 2,4% em relação ao resultado do ano anterior.

Inserida neste contexto de retomada econômica, a indústria nacional de celulose e papel apresentou bons resultados em 2017. Enquanto a produção de celulose atingiu 19,4 milhões de toneladas, registrando

um incremento de 3,8% em relação a 2016, os segmentos de papel produziram 10,4 milhões de toneladas, valor que reflete um crescimento de 1,4% frente ao desempenho de 2016, segundo dados da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ).

Tais resultados também podem ser vistos na balança comercial brasileira, que encerrou 2017 com superávit de US\$ 67,0 bilhões e teve uma participação determinante de 10,81% da indústria de celulose e papel, representando US\$ 7,25 bilhões do saldo total, conforme dados divulgados pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC).

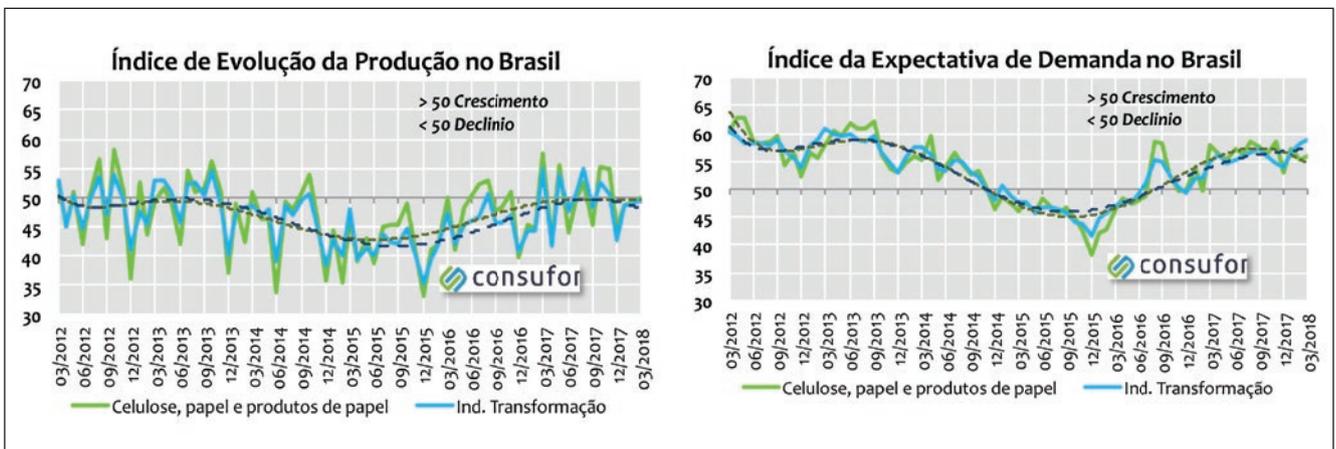
Na análise de Marcio Funchal, diretor de Consultoria da Consufor, 2017 foi um ano melhor do que 2016 para o setor de celulose e papel. A partir do gráfico ao lado, é possível avaliar a evolução da produção da indústria de celulose e papel e da indústria de transformação como um



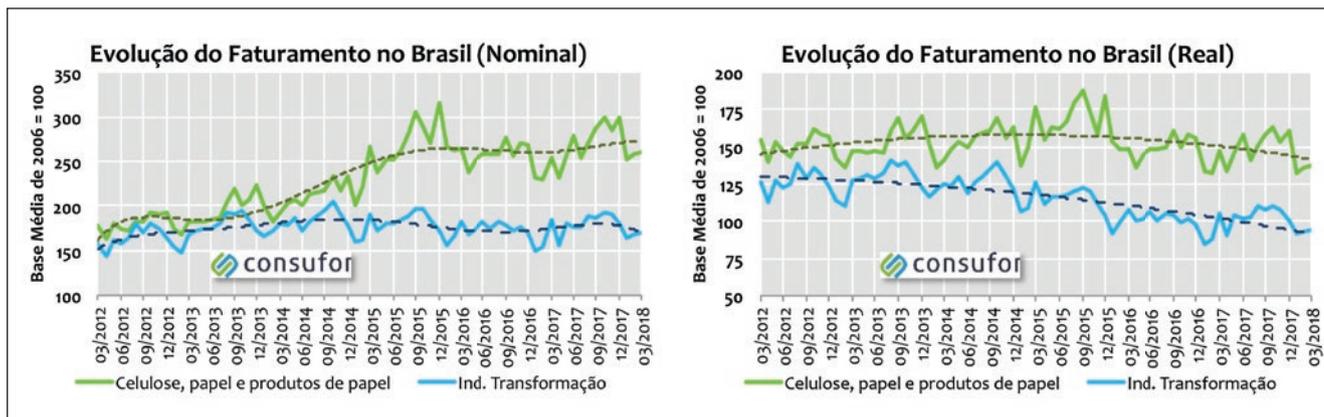
todo. Em 2015, mostra Funchal, a crise abalou mais fortemente o desempenho industrial brasileiro. “Desde então, o desempenho industrial vem se recuperando gradativamente”, pontua, interpretando a imagem a seguir à esquerda. O mesmo cenário é visível na figura da expectativa

da demanda industrial. Desde 2012, há forte redução, com auge em 2015, mas novamente ascensão do indicador de lá para cá.

“É visível que o comportamento setorial da indústria de celulose, papel e papelão tem sido muito similar ao desempenho geral da indústria da trans-



Fonte: CNI



Fonte: CNI

formação como um todo, no período recortado. Assim, pode-se dizer que essas indústrias estão sob influência dos mesmos 'impactadores' macroeconômicos: câmbio, inflação, custos, demanda e etc.", interpreta Funchal.

Ainda de acordo com o diretor de Consultoria da Consufor, a maior diferença de comportamento identificada entre a indústria de celulose e papel e as demais cadeias produtivas industriais no Brasil encontra-se no aspecto econômico. "As taxas de crescimento do faturamento industrial são bastante distintas: enquanto na indústria de celulose, papel e papelão, o crescimento quase dobrou em termos nominais nos últimos cinco anos, na indústria da transformação, o crescimento foi pouco expressivo", esclarece ele com base nas imagens acima.

Contudo, quando o fator inflacionário é excluído da análise, nota-se que ambas as indústrias estão perdendo competitividade. "Em termos reais, o faturamento atual dessas indústrias é inferior ao apresentado há cinco anos. A situação é ainda mais grave no cenário geral da indústria de transformação do Brasil", informa Funchal.

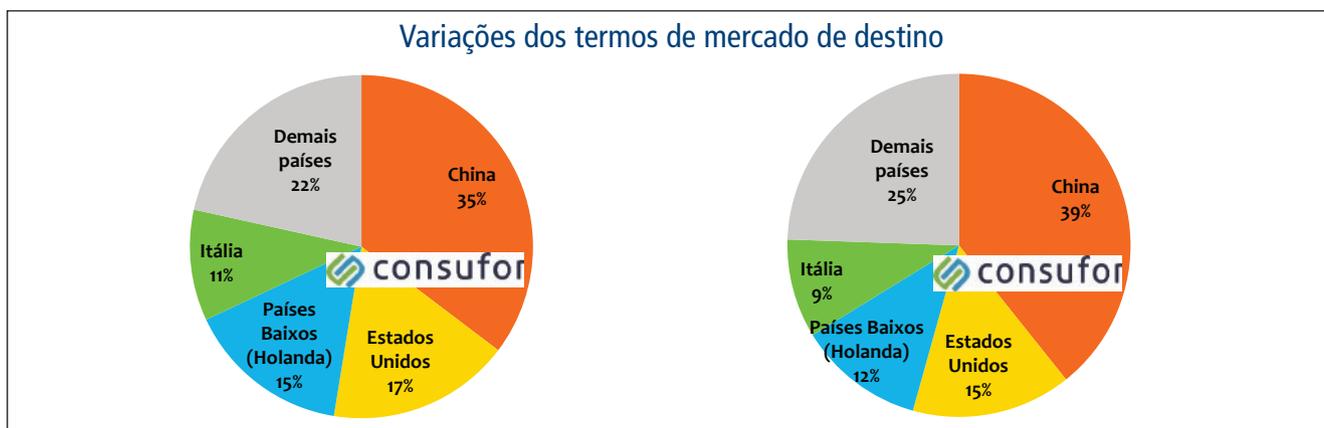
Ao longo dos últimos anos, o setor de celulose e papel ainda vem driblando outro fator desafiante: o incremento dos custos gerais de fabricação, que têm crescido acima dos níveis da inflação nos últimos anos. Na prática, o que se vê são novos ciclos de redução de competitividade. "Com o faturamento crescendo menos do que a inflação e os custos, acima dela, as companhias brasileiras de celulose, papel

e papelão vivem ano a ano uma forte redução das margens de lucro", constata o diretor de Consultoria da Consufor. "Isso explica a corrida frenética por aumento de capacidade de produção (com intuito de diluir os custos fixos) e a constante modernização do processo fabril (em prol da redução de custos de fabricação)", completa a análise.

Celulose: Demanda segue aquecida e preços continuam em alta

Dando enfoque aos resultados registrados pelo segmento de celulose, Elizabeth de Carvalhaes, presidente executiva da IBÁ, aponta que 2017 foi um ano de alta demanda, principalmente em função do crescimento dos papéis tissue na China. "A celulose de fibra curta, ideal para fabricação deste tipo de papel, bateu recorde no ano passado, atingindo 4,7 milhões de toneladas exportadas diretamente para a China", informa. Tal resultado fez com que o país representasse 36,2% das exportações brasileiras deste tipo de celulose, seguido pela Europa, representando 34,2% da comercialização brasileira de celulose de fibra curta e dos Estados Unidos, responsáveis por 16,9% da compra de celulose de fibra curta brasileira no ano passado.

Na análise de Carlos Alberto Farinha, vice-presidente da Pöyry Tecnologia, os últimos resultados confirmam uma tendência que se consolida ao longo dos últimos anos: a China desponta como destino



Fonte: MDIC

principal da celulose incremental produzida pelos fabricantes brasileiros. Os *startups* mais recentes miram o mercado consumidor chinês, que segue apresentando taxas de crescimento significativas – em 2017, a China registrou um PIB de 6,9%. “O país vem apresentando uma política mais atrelada ao consumo em vez de focar seus investimentos em infraestrutura e exportação. Isso tem surtido alguns efeitos positivos e, combinado com as políticas de urbanização e com as mudanças de hábitos de higiene, a partir do melhor poder aquisitivo da população e da maior conscientização ambiental, acaba beneficiando o segmento de celulose brasileiro”, explica Farinha.

A alta de preços da celulose de fibra curta foi mais um fato marcante do ano passado – Na média, informa Funchal, os preços de exportação de 2017 foram cerca de 11% maiores do que os preços da celulose exportada no ano imediatamente anterior.

A crescente de preços vista ao longo de 2017 deu-se devido a alguns acontecimentos pontuais, a exemplo da inesperada parada de produção da planta de Guaíba-RS da CMPC, devido a um problema na caldeira, e ao ritmo lento do *ramp up* da segunda linha de produção da fábrica OKI, da APP, na Indonésia. “A compra da Eldorado também impactou bastante o mercado, devido à entrada de um novo *player* estrangeiro no mercado brasileiro”, lembra Farinha sobre a aquisição feita pela holandesa Paper Excellence, em setembro último. “Isso fez com que o projeto da segunda linha da Eldorado, que estava pronto para deslançar, fosse postergado”, diz sobre a data ainda em aberto. “Esses fatos trouxeram impactos ao mercado, pois diminuíram a oferta até então esperada para o período”, completa sobre o cenário visto em 2017.

A Fibria aproveitou o ambiente favorável à implementação dos aumentos de preços de celulose e fez 11 reajustes ao longo de 2017. Segundo Marcelo Castelli, presidente da companhia, o ano passado representa uma das mais significativas colheitas da Fibria. “Entregamos um projeto de excelência que nos tornou referência mundial no setor. Nossa segunda linha de produção em Três Lagoas-MS entrou em operação antes do prazo, com o menor investimento dentro da cerca para projetos desse porte e ampliamos nossa competitividade estrutural em custos e nossa presença no mercado global de celulose de fibra curta”, diz sobre o *startup* da nova planta, que ocorreu em agosto último e que produziu 559 mil toneladas de celulose em 2017 – 17% acima da previsão inicial.

DIVULGAÇÃO IBA



Dando enfoque aos resultados registrados pelo segmento de celulose, Elizabeth aponta que 2017 foi um ano de alta demanda, principalmente, em função do crescimento dos papéis tissue na China

Ainda de acordo com Castelli, os resultados financeiros do último trimestre do ano já começaram a refletir a contribuição da nova fábrica na geração de caixa da companhia. Nos últimos três meses de 2017, a Fibria vendeu 1,8 milhão de toneladas de celulose, valor que representa um crescimento de 20% em relação ao mesmo período de 2016 e desponta como o maior volume já vendido em um só trimestre em toda a história da companhia. Com esse desempenho, 2017 também registrou outro recorde, com 6,212 milhões de toneladas de celulose comercializadas, 13% acima do volume total vendido em 2016.

A Klabin também fechou 2017 com bons resultados em todas as áreas de negócio, inclusive no segmento de celulose. “O período foi marcado pelo alcance da capacidade plena da Unidade Puma, o que coloca a companhia em outro patamar para o cenário deste ano, tanto em produtividade quanto em comercialização, além de terem sido finalizados os processos de qualificação das matérias-primas e ser perceptível o aumento da aceitação acima da média pelo mercado”, contextualiza Flávio Deganutti, diretor Comercial de Papéis da Klabin. “Apesar do cenário adverso no início do ano e variáveis pontuais da atividade econômica do Brasil, 2017 trouxe melhores resultados que o ano anterior. Registramos o 26.º trimestre consecutivo de crescimento, alcançando 20% de aumento no Ebitda Ajustado (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização)”, completa.

Para 2018, a expectativa para o segmento de celulose é de novo aumento das exportações. De acordo com a presidente executiva da IBÁ, além da qualidade e competitividade da *commodity* nacional, o cenário internacional dá espaço para o crescimento das relações comerciais. A China, exemplifica Elizabeth, está privilegiando a importação de celulose branqueada por meio de medidas do governo. Também é fato que o país asiático possui uma política de baixo carbono que vem forçando, inclusive, o fechamento de fábricas locais.

A Europa vive uma realidade similar no que diz respeito às políticas socioambientais regionais. Além de plantas de companhias locais estarem tornando-se obsoletas, a madeira está alcançando custos altos, inviabilizando cada vez mais a produção de celulose. "O setor de celulose também trabalha para que o acordo de livre comércio entre o Mercosul e a União Europeia seja concretizado, pois isto seria mais um impulso para exportações de produtos do segmento, mundialmente reconhecidos por suas qualidades", adiciona Elizabeth.

A despeito deste contexto em andamento, Funchal salienta que 2018 teve início com claros sinais de tensão comercial entre os maiores *players* mundiais. "Por

um lado, os Estados Unidos iniciaram forte batalha de protecionismo de seu mercado interno, anunciando um largo conjunto de barreiras tarifárias e não tarifárias a diversos produtos importados pelos norte-americanos, com o intuito de limitar a entrada de produtos internacionais em seu território e dar fôlego à sua indústria interna", comenta. "Vale lembrar que, apesar dos protestos de dezenas de países, este tipo de medida é amplamente utilizada por diversas economias, entre elas o próprio Brasil, considerado um dos países mais protecionistas do mundo em termos de comércio internacional", contextualiza o diretor de Consultoria da Consufor. Em resposta aos Estados Unidos, a China, seu principal parceiro comercial, também impôs sanções aos produtos americanos que o mercado chinês importa.

Há ainda o impacto no comércio mundial da guerra civil na Síria, o bombardeio conduzido pelos Estados Unidos, França e Reino Unido e uma potencial e latente resposta da Rússia e do Irã. "Como resposta a esse agravamento de tensões, os preços internacionais do petróleo já subiram, reduzindo levemente o volume de embarques internacionais de mercadorias em várias partes do mundo, reflexo imediato de uma onda mun-

A Fibria aproveitou o ambiente favorável à implementação dos aumentos de preços de celulose e fez 11 reajustes ao longo de 2017

DIVULGAÇÃO FIBRIA



dial de redução cautelosa do agravamento do conflito”, pontua Funchal. “Ainda não está claro como o comércio internacional de celulose deverá se apresentar. O que fica evidente é que será um ano aquecido em termos de pressão comercial”, opina.

Na visão do presidente da Fibria, não há motivo para o segmento de celulose se preocupar com as eventuais medidas de protecionismo entre Estados Unidos e China neste momento. “Normalmente, as restrições estão relacionadas a produtos semimanufaturados ou totalmente manufaturados. Além disso, existe uma clara necessidade de importação de celulose de mercado”, justifica Castelli.

Ainda avaliando a situação atual do mercado internacional, Castelli afirma que a dinâmica entre oferta e demanda segue acirrada neste início de ano. “A demanda continua muito positiva em todas as regiões do mundo, em alinhamento ao crescimento das economias. Os estoques em todas as regiões estão baixos ao longo da cadeia de valor”, cita ele. Além disso, ressalta o presidente da Fibria, existe uma ruptura significativa no fornecimento de fibra longa, fato que traz reflexos à oferta de fibra curta. “A situação de abastecimento de celulose de fibra longa é dramática, tanto na Europa quanto na China. Com isso, vemos o *gap* entre fibra longa e fibra curta em seu nível mais alto, somado a uma pressão crescente de substituição de fibra longa por fibra curta no grau máximo que a tecnologia atual permite”, esclarece Castelli.

Nesse contexto, a Fibria registrou uma produção de 1,588 milhão de toneladas no primeiro trimestre deste ano, aumento de 32% na comparação com o mesmo período de 2017. A companhia credita o crescimento à entrada em operação da segunda linha de produção instalada em Três Lagoas, que atingiu 90% de sua curva de aprendizagem, com a produção de 449 mil toneladas de celulose no primeiro trimestre do ano. “Nossa segunda fábrica no Mato Grosso do Sul segue com um excelente ritmo de evolução na curva de produção, bem acima do projetado inicialmente. Esse novo volume de celulose que chega ao mercado tem sido absorvido por uma demanda que permanece aquecida em todas as regiões”, contextualiza Castelli. O aumento na produção de Três Lagoas compensou as paradas programadas ocorridas no período, bem como a redução de produção da unidade de Aracruz-ES programada pela empresa.

De janeiro a março deste ano, as vendas de celulose da Fibria somaram 1,591 milhão de toneladas, crescimento de 22% em relação aos primeiros três meses do ano passado. “Apesar de ser um período de demanda



DIVULGAÇÃO PAPER

Farinha: a China vem apresentando uma política mais atrelada ao consumo em vez de focar seus investimentos em infraestrutura e exportação, o que tem surtido efeitos positivos ao segmento de celulose brasileiro

tradicionalmente mais fraca, essa sazonalidade não foi percebida e o mercado de celulose continuou apertado no primeiro trimestre, com os estoques dos produtores de papel e celulose abaixo da média”, pontua o presidente da companhia. Castelli ainda aponta que a combinação de paradas de produção não programadas com outras paradas previamente agendadas levaram a uma redução da produção mundial de celulose de fibra curta de cerca de 660 mil toneladas no primeiro trimestre do ano.

Este cenário suportou a implementação, a partir de 1.º de fevereiro, do primeiro anúncio de aumento de preços feito pela Fibria este ano, de US\$ 30 por tonelada na Europa e América do Norte, e US\$ 20 por tonelada na Ásia. Acompanhando o comportamento do mercado, a Fibria anunciou novo aumento de preços no início de abril, de US\$ 20 por tonelada para os mercados europeu e norte-americano e de US\$ 10 por tonelada para o mercado asiático.

Em função do maior volume de vendas e de um aumento de 42% no preço médio líquido da celulose em dólar, a receita líquida da Fibria totalizou R\$ 3,693 bilhões no primeiro trimestre, aumento de 78% na comparação com o mesmo período do ano passado. Nos primeiros três meses do ano, o Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortizações) ajustado foi de R\$ 1,824 bilhão, crescimento de 183% em relação ao registrado no mesmo período de 2017. Já a margem Ebitda, excluindo as vendas de celulose da Klabin, ficou em 55% e contribuiu para um

No ambiente externo, a demanda por celulose continuou aquecida neste primeiro semestre do ano, o que contribuiu para a elevação do preço médio em âmbito global

lucro líquido de R\$ 615 milhões de reais, 87% maior que o acumulado no primeiro trimestre do ano passado.

Abordando os fatos que devem marcar o segmento de celulose ao longo de 2018, Castelli comenta que os próximos passos da fusão entre Fibria e Suzano – conforme Fato Relevante divulgado em 16 de março, os acionistas controladores da Fibria (Votorantim S/A e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social Participações S/A [BNDESPar]) assinaram um acordo com a Suzano Holding S/A e com os demais acionistas controladores da Suzano Papel e Celulose S/A para combinar as operações acionárias da Fibria e da Suzano por meio da realização de uma reorganização societária – devem se desenrolar nos próximos meses.

Castelli relata que o prazo máximo para as partes envolvidas nesse tipo de transação estarem plenamente engajadas é de 18 meses, com margem para renovação. “Trata-se de um prazo muito mais longo do que a transação leva na realidade. A Suzano está dando andamento aos passos que permitirão de fato cumprir o conceito do acordo, feito com uma parte em dinheiro e outra em conversão de ações. Esses procedimentos, conforme dizem as boas práticas de mercado, podem levar de 8 a 10 meses, tempo que acreditamos ser suficiente não só para a análise como talvez do fechamento da operação”, estima. “Da nossa parte, temos montado as equipes de advogados internos e externos que vão regular e trabalhar em toda essa interação, garantindo que as empresas continuem operando separadamente com foco naquilo que é importante para os seus investidores e acionistas atuais”, informa ele, frisando que até a data da consumação da operação, que depende da aprovação dos órgãos regulatórios, Fibria e Suzano permanecem operando de forma independente.

O balanço da Suzano, referente ao primeiro trimestre de 2018, é igualmente positivo: com uma geração de caixa operacional de R\$ 1,3 bilhão, a empresa registrou o melhor resultado da história da companhia para primeiros trimestres. O recorde é consequência dos avanços operacionais alcançados ao longo dos últimos trimestres, do forte controle de despesas e do ambiente favorável no mercado internacional de celulose. No acumulado entre abril de 2017 e março de 2018 (últimos 12 meses), a geração de caixa operacional alcançou R\$ 4,2 bilhões, marca inédita na história de 94 anos da Suzano.

O Ebitda Ajustado do primeiro trimestre somou R\$ 1,5 bilhão, valor que significa uma expansão de 80,4% em relação ao mesmo período do ano passado e que se destaca como o maior Ebitda Ajustado já reportado

pela Suzano em primeiros trimestres. No período de 12 meses, o Ebitda Ajustado atingiu R\$ 5,3 bilhões, mais um recorde histórico. Em decorrência do forte resultado operacional, a alavancagem da empresa, medida pela relação entre dívida líquida e Ebitda Ajustado, caiu de 2,1 vezes ao final de dezembro de 2017 para 1,7 vez no final de março deste ano.

Principal métrica de gestão adotada pela companhia, o retorno sobre o capital investido (ROIC) ficou em 17,4% no primeiro trimestre de 2018. Já o custo caixa de produção de celulose sem paradas ficou em R\$ 587 por tonelada no período, praticamente no mesmo patamar daquele registrado um ano antes, a despeito da inflação de 2,7% acumulada no intervalo. “Mesmo tendo sido um pouco afetados pela alta do preço de químicos e pela queda do preço de energia – como a Suzano é exportadora de energia, a queda de preços impactou a geração de receita advinda dessa frente –, tivemos um crescimento expressivo do Ebitda Ajustado do negócio Celulose: enquanto o trimestre anterior registrou R\$ 1.222 por tonelada, esse passou a registrar R\$ 1.467 por tonelada”, informa Walter Schalka, presidente da Suzano.

No ambiente externo, a demanda por celulose continuou aquecida, o que contribuiu para a elevação do preço médio em âmbito global. Como resultado, a Suzano reportou uma receita líquida de R\$ 3 bilhões no trimestre, alta de 33,1% em relação aos três primeiros meses do ano passado.

A companhia terminou o trimestre com lucro líquido de R\$ 813 milhões. “Tivemos resultados operacionais bastante fortes, com uma excelente geração de caixa operacional, que, segundo o nosso critério, é o melhor indicador para ser acompanhado. Também tivemos um ótimo Ebitda, que dá perspectiva de geração de caixa relevante e de redução de endividamento. Os resultados do primeiro trimestre refletem nossa preocupação permanente em fazermos cada vez melhor, em sermos cada vez mais competitivos e em reforçarmos nossa solidez financeira”, resume Schalka. Em razão do anúncio da operação com a Fibria e por restrições dos órgãos reguladores, a Suzano não fez projeções a respeito dos negócios da empresa para o segundo trimestre de 2018.

Papel: Recuperação discreta é resultado de medidas estratégicas contra desafios do mercado interno

De acordo com dados da IBÁ, o segmento de papel produziu 10,4 milhões de toneladas ao longo de 2017,

valor que representa um crescimento de 1,4% em relação ao desempenho de 2016. Elizabeth explica que o incremento foi impulsionado, principalmente, pelo segmento de embalagem, que apresentou um crescimento de 1,1%, representando quase metade da produção total brasileira, com 5,5 milhões de toneladas.

Apesar da ligeira recuperação, Farinha avalia que o segmento de embalagem enfrentou desafios significativos ao longo do último ano, já que o seu desempenho está atrelado ao crescimento do PIB. “As exportações acabaram contribuindo com os resultados, compensando, de certa forma, a demanda fraca do mercado nacional”, pontua o vice-presidente da Pöyry.

Funchal concorda que o segmento de embalagem está bastante ressentido pela retração dos níveis de produção industrial no País, desde 2013. “A produção desse segmento é inclusive um termômetro da indústria nacional.” Segundo ele, os principais *players* nacionais têm passado por mudanças no parque industrial, incluindo expansões da capacidade de produção, mudanças no mix de fibras e revisão do portfólio de produtos e de mercados. “Tudo com o intuito de aumentar a competitividade via retração de custos de fabricação, com menor consumo de fibras, aumento do volume de produção, aumento da eficiência industrial etc.”, detalha a estratégia.

Amanda Fantinatti, economista especializada em estudos sobre o mercado latino-americano de Papéis para Embalagem da RISI, informa que o consumo de papel para embalagem – que, de acordo com a consultoria, engloba papel para caixas de papelão, papelcartão, papéis kraft (papel kraft e papel de embulho) e papéis especiais e industriais – registrou crescimento de 3,1% no Brasil nos últimos 16 anos, impulsionado principalmente pelos segmentos de papel para caixas de papelão e papelcartão. “Essa expansão foi bem superior ao crescimento da atividade econômica real no Brasil, que em média foi quase um ponto percentual menor durante o mesmo período”, faz a análise.

Ainda de acordo com Amanda, alguns fatores impulsionaram a retomada do setor de papel para embalagens no último ano: “desde meados de 2016, temos observado uma significativa retomada do consumo de papel para embalagens nos Estados Unidos e Europa, levando os produtores locais desses países a diminuir a quantidade de *kraftliner* exportada para atender à crescente demanda doméstica. Consequentemente, temos observado um aumento da utilização

da capacidade instalada e dos preços internacionais, além dos desenvolvimentos em relação às importações de papel reciclado na China e a retomada do crescimento econômico no Brasil”.

Falando especificamente do segmento de papelão ondulado, Eduardo Brasil, diretor da Associação Brasileira de Papelão Ondulado (ABPO), relaciona o crescimento de 4,9% na expedição de 2017 sobre 2016 à retomada do setor alimentício, que representa mais de 60% dos negócios do segmento de papelão ondulado. “Aliado a um bom desempenho na exportação de proteínas animal, pudemos reverter os volumes negativos de 2015 e 2016 – únicos números negativos de uma longa série histórica”, diz, ressaltando que o início da recuperação econômica foi fundamental para o resultado de 2017.

O bom momento dos mercados de papéis e embalagem foi determinante para o ano da Klabin. “O otimismo com os dados econômicos no Brasil beneficiou os mercados produtores de alimentos e bens de consumo não duráveis, como reflexo, a expedição de embalagens de papelão ondulado aumentou. A evolução do mercado internacional de kraftliner também permitiu à Klabin ser mais seletiva nos mercados em que atua, processo que ajudou a maximizar os resultados, tendo em vista a flexibilidade do nosso mix de produtos, que permite rápida adaptação aos diferentes cenários mercadológicos”, revela Deganutti. “Tal cenário permitiu alta nos preços internacionais de papéis para embalagens e celulose, entre 40% e 50%,

O entendimento da embalagem como parte integrante do produto e como atributo para aumento e melhora das vendas, e não apenas como elemento de proteção e transporte, já vem ocorrendo



DIVULGAÇÃO KLABIN

O consumo de embalagens está passando por uma fase de transição, já que o público busca por produtos com maior valor agregado

sendo mais um dos fatores que influenciaram o aumento de 18% da receita total de vendas em relação ao ano anterior”, completa sobre o balanço de 2017.

Os fundamentos e os indicadores de confiança (consumidor e indústria) apontam para a continuação da recuperação da atividade econômica neste ano. “À luz da atual recuperação econômica, temos uma visão construtiva em relação ao consumo de papel para embalagens no País. O nosso cenário é de um crescimento de 2,5% em 2018”, sinaliza a economista especializada em estudos sobre o mercado latino-americano de Papéis para Embalagem da RISI.

Amanda ressalta que o mercado brasileiro de papel para embalagens tem tremendo potencial de crescimento, “assumindo que a recessão de 2014 a 2016 acabou e agora vemos uma recuperação econômica derivada da melhora dos fundamentos econômicos, da agressiva flexibilização da política monetária, do aumento dos salários reais devido à inflação nos níveis mais baixos da série histórica e a um moderado aumento no emprego, que, neste momento, se mostra mais rápido do que o esperado (apesar dessa melhora ainda ser concentrada no mercado informal)”. Ela frisa que esse tipo de desenvolvimento econômico geralmente se traduz em maiores gastos em produtos embalados.

A ABPO prevê um crescimento de 3,7% nos volumes de papelão ondulado em 2018. “O desafio está na continuidade da recuperação econômica, que, apesar de abaixo do previsto para este primeiro trimestre do ano, continua sendo positiva em relação ao mesmo período do ano passado”, comenta Brasil.

Vale destacar que o consumo de embalagens está passando por uma fase de transição, já que o público busca por produtos com maior valor agregado. “Embalagem é o primeiro segmento a sentir esse movimento, pois acompanha quase todos os produtos consumidos, inclusive os de primeira necessidade”, diz Elizabeth. Segundo explicita a presidente executiva da IBÁ, também há uma grande preocupação com o desenvolvimento e a valorização das embalagens como um produto sustentável, o que abre portas para inovação.

Marcelo Domingues, analista da Tendências Consultoria Integrada, ressalta que o crescimento global do *e-commerce* – setor que nos Estados Unidos cresceu a uma taxa média de 12,6% a. a de 2014 a 2017 e que deve crescer a taxas mais significativas nos próximos anos, dado o elevado potencial e o fato

de ainda corresponder a 10% de todo o varejo norte-americano – tem elevado a demanda por embalagens. “Atualmente, vemos esse fenômeno se expandir do setor de varejo para o setor alimentício com o advento dos aplicativos de celular”, justifica ele.

A Klabin concorda que a forma de consumo tem se transformado rapidamente e que o *e-commerce* é o maior expoente disso. “Mas temos muitos outros exemplos e tendências, como as embalagens mais leves, com otimização para os espaços vazios, mais qualidade de impressão e personalizadas, com a possibilidade de reutilização, barreiras biodegradáveis e mecanismos que facilitam a exposição do produto”, pondera o diretor Comercial de Papéis da companhia. Além disso, frisa Deganutti, o entendimento da embalagem como parte integrante do produto e como atributo para aumento e melhora das vendas, e não apenas como elemento de proteção e transporte, associado a produtos feitos com matérias-primas sustentáveis, já vem ocorrendo. “Acreditamos que o papel e todos os produtos derivados de florestas plantadas são protagonistas desse futuro mais eficiente e, naturalmente, a mobilização do setor ajudará a acelerar esse processo, alinhado aos padrões de consumo futuro”, vislumbra ele.

O segmento de embalagens apresenta mais uma tendência que deve se fortalecer em 2018, conforme indica Funchal. “O setor está em processo de consolidação, com muitas fusões e aquisições ativas. Embora algumas negociações estejam em andamento há vários anos e dificilmente serão concretizadas no curto prazo por apresentarem valores irrealistas frente à realidade atual do negócio, há alguns bons ativos industriais disponíveis e em negociação que podem representar uma ótima oportunidade de consolidação de posição no mercado interno, principalmente no mercado de papelcartão”, posiciona o diretor de Consultoria da Consufor. “Adicionalmente a esse cenário, vemos que as empresas de embalagem deverão manter a estratégia de continuidade da otimização da curva de aprendizados dos projetos de expansão já em andamento”, completa ele em relação às perspectivas para o desenrolar deste ano.

A Klabin acredita que 2018 traz perspectivas de longo alcance. “Enxergamos um ciclo longo de retomada econômica, com juros baixos e inflação sob controle, e reforçado pela citada modificação no perfil de consumo, em direção a embalagens mais sustentáveis e sofisticadas, com maior conexão entre a

embalagem e o produto em si”, esclarece Deganutti. Considerando o curto prazo, o diretor Comercial de Papéis da Klabin afirma que as tendências mercadológicas dos segmentos em que a companhia atua tendem a se manter para papel e celulose. “No longo prazo, sabendo do patamar que a Klabin atingiu nos últimos anos e mesmo com resultados financeiros equilibrados e sustentáveis, estamos orientados para um novo ciclo de crescimento pautado no futuro biodegradável, diversificado e flexível, extremamente alinhado às megatendências globais de consumo.”

O novo ciclo planejado pela Klabin inclui ampliação da capacidade produtiva de papéis para embalagens e celulose. “Expandiremos nossa atuação em papel kraft, papelcartão e celulose fluff, tendo como prioridade o desenvolvimento de produtos inovadores, como papéis para copos de papel com barreiras biodegradáveis”, adianta Deganutti. “Acreditamos especialmente na associação de embalagens de papel e cartão com barreiras advindas de fontes renováveis, como uma alternativa às soluções atuais, seja para alimentos, pet food, detergentes e muito mais”, adiciona.

Para apoiar o novo ciclo de crescimento, a Klabin fará investimentos maiores em desenvolvimento de produtos, além de ampliar as regiões de atuação, com um alinhamento da estrutura comercial e definição de parceiros estratégicos para suportar este momento.

Partindo para o segmento de imprimir e escrever, os dados da IBÁ apontam uma produção de 2,5 milhões de toneladas ao longo de 2017, valor que reflete um equilíbrio em relação ao desempenho de 2016. “Esse segmento passa por uma estagnação de mercado há alguns anos. O volume de vendas no mercado interno está estável e sem perspectivas evidentes de crescimento no curto prazo”, avalia Funchal. “A nível global, o segmento de imprimir e escrever vem diminuindo bastante, mas nos países em desenvolvimento, caso do Brasil, China e demais países do Sudeste Asiático, ainda apresenta uma produção estabilizada”, complementa Farinha.

Elizabeth ressalta que um desafio enfrentado pelo setor nos últimos anos, mas que em 2017, com o trabalho da IBÁ, passou a ser visto com outros olhos, inclusive pela Receita Federal, foi o desvio de finalidade do chamado Papel Imune. “A imunidade de até 36% em carga tributária para o Papel Imune, cujo objetivo é impulsionar o acesso à informação e educação, acaba por atrair agentes que utilizam esse tipo de papel para outros fins, o que configura crime de evasão

fiscal e causa prejuízo à cadeia produtiva do papel”, contextualiza. “O combate à concorrência desleal é um grande desafio, mas já estamos colhendo resultados importantes. Novos estados aderiram ao convênio ICMS n.º 48/2013, que estabelece o Sistema de Registro e Controle das Operações com o Papel Imune – RECOPI. Atualmente, 21 estados já incorporaram as regras do RECOPI às suas legislações. Por fim, uma grande conquista de todas as reuniões realizadas Secretaria da Receita Federal foi o Ministério da Fazenda, pela primeira vez, incluir o setor no Plano Anual de Fiscalização 2017”, informa, sublinhando que o Papel Imune, mais uma vez, entrou no Plano Anual de Fiscalização em 2018, ao lado de outros itens como cigarro e bebida.

Ainda falando sobre o desenrolar deste ano, Elizabeth pontua que o segmento de imprimir e escrever cresce quando a economia permite investimentos além da subsistência, com o crescimento da educação e da cultura. “O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é um elemento importante a ser considerado, ainda que as indústrias brasileiras tenham apostado na exportação de seus produtos.”

Em linha com o comportamento de mercado, a Suzano registrou um crescimento de 2,2% no primeiro trimestre deste ano. “Tivemos forte expansão das exportações, já que as nossas operações industriais performaram bastante bem e possibilitaram que a capacidade excedente atingisse mais de 60 países”, contextualiza Schalka sobre o desempenho da companhia no segmento. “Estamos vendo uma aceleração de preços, tanto no mercado doméstico quanto no mercado internacional de papel, em decorrência do aumento de preços da celulose. Entendemos que nos próximos trimestres ocorrerá uma acomodação desses valores”, completa sobre o cenário atual.

O papel imprensa, por sua vez, apresentou um recuo de 13,5% em 2017, conforme dados da IBÁ, somando 83 mil toneladas produzidas. “É um segmento que enfrenta limitações pela ótica da demanda, que tem se reduzido gradativamente”, define Funchal.

A BO Paper, fabricante de papel jornal e papéis revestidos, está entre os *players* que enfrentou as adversidades do mercado no último ano. Conforme revela André Arantes, diretor geral da companhia, 2017 foi um ano bastante difícil, com continuada queda da demanda de papéis para publicações, além de retração da publicidade e redução da leitura de jornais e revistas. “Ao longo do ano passado, trabalhamos intensa-

BO PAPER



Arantes: "Ao longo do ano passado, trabalhamos intensamente no desenvolvimento de novos produtos e na implementação da nova linha para produção de fibras de alto rendimento para o mercado. Também continuamos priorizando as ações em prol da otimização dos custos."

mente no desenvolvimento de novos produtos e na implementação da nova linha para produção de fibras de alto rendimento para o mercado. Também continuamos priorizando as ações em prol da otimização dos custos. Foi um ano difícil, mas terminamos mais fortalecidos e melhor posicionados para o futuro", resume Arantes sobre a estratégia adotada para driblar os desafios. "O segundo semestre de 2017 marcou o início da recuperação dos preços, revertendo baixas históricas no setor", completa sobre o balanço do último ano.

Ainda de acordo com o diretor geral da BO Paper, as perspectivas são bastante melhores para este ano, principalmente em função da melhoria dos preços de vendas, proveniente não somente de um melhor cenário externo como também impactados pela desvalorização do Real. "Além disso, esperamos um crescimento importante no volume de vendas, com maiores exportações, e introdução do novo portfólio de papéis no mercado brasileiro", prospecta.

Para este primeiro semestre do ano, a BO Paper também planeja o *startup* da nova linha de produção de fibras de alto rendimento. "A BO Paper é o maior produtor de pastas mecânicas na América Latina e possui tecnologia de ponta para desenvolver fibras customizadas para diferentes aplicações, incluindo papéis para embalagens, tissue, polpa moldada etc. A nova linha terá capacidade para produzir 60 mil toneladas secas de pasta branqueada e não branqueada, fato que representa um passo importante rumo à diversificação da empresa", revela sobre o projeto. "Estamos muito otimistas, pois o mercado tem recebido bem essa novidade e a sinalização de demanda nesses primeiros meses tem sido muito positiva", frisa.

Sobre o processo de diversificação iniciado pela BO Paper, Arantes esclarece que o intuito não é mudar o foco da empresa. "Ainda acreditamos no papel como forma eficiente de comunicação e certamente permaneceremos nesse negócio por muitos anos, mas, diante das dificuldades naturais do mercado de papéis para



DIVULGAÇÃO SUZANO

No segmento tissue, o foco da Suzano neste início de ano é a integração entre as operações próprias e a da Facepa, além da entrada gradativa de suas marcas no mercado

publicações, precisamos diversificar o negócio. Para isso, precisamos ajustar a nossa forma de ser e agir”, pontua, enfatizando que o lema da companhia é Transformar para Crescer. “No longo prazo, queremos capitalizar sobre o nosso *know-how* e competitividade na produção de fibras renováveis e de alto rendimento, considerando que existe uma tendência mundial de aumento do uso de fibras sustentáveis para embalagens e utensílios para alimentação. Queremos estar bem posicionados, à medida que o Brasil avança nesse sentido. Temos investido bastante em Pesquisa e Desenvolvimento, a fim de encontrar as melhores soluções técnicas e poder acessar oportunidades dentro do mercado brasileiro”, detalha o planejamento.

Dados da Anguti Estatística apontam que a produção de papéis tissue ao longo de 2017 foi de 1,2 milhão de toneladas, valor que representa uma recuperação de 1,5% em relação à produção de 2016. Conforme análise de Pedro Vilas Boas, diretor da Anguti Estatística, a recuperação do volume de produção em 2017 foi positiva, mas não erradicou os desafios que vêm comprometendo a rentabilidade dos fabricantes de papéis para fins sanitários nos últimos anos, a exemplo da alta de preços das aparas brancas e da celulose, matérias-primas usadas na produção desse tipo de papel.

“O ano de 2017 foi difícil para nós, assim como para todas as empresas do setor, mas entendemos que foi suportável”, confirma João Ferreira Dias Filho, presidente da Sepac. “Conseguimos ter um crescimento de 5% (Ebitda) em relação a 2016, mas ainda é um valor muito abaixo das nossas médias anteriores, que eram bastante significativas.” Dias Filho sublinha que, mesmo abaixo dos resultados anteriores, a Sepac conseguiu superar a média do crescimento do mercado de tissue em 2017.

A perspectiva da Anguti Estatística para este ano é de bons resultados em termos de volume. “A retomada do crescimento econômico e o consequente aumento do consumo tendem a absorver a capacidade adicional de papel tissue inserida no mercado recentemente”, explica Vilas Boas, referindo-se à entrada da Suzano no segmento tissue – com o início das operações das fábricas de Mucuri-BA e Imperatriz-MA em setembro e novembro últimos, respectivamente, e a incorporação da Facepa, concluída em março deste ano.

De acordo com o presidente da Suzano, o foco da companhia neste início de ano é a integração entre as operações próprias e a da Facepa. “Estamos fazendo a entrada gradativa das nossas marcas no mercado –



DIVULGAÇÃO ANGUTI ESTATÍSTICA

Conforme análise de Vilas Boas, a recuperação do volume de produção de tissue em 2017 foi positiva, mas não erradicou os desafios que vêm comprometendo a rentabilidade dos fabricantes nos últimos anos

a primeira delas foi a Max Pure e a segunda, a Mimo. Além desses produtos, estamos trabalhando com as marcas da Facepa e pretendemos aumentar os volumes de produção gradativamente, principalmente no Norte e Nordeste”, informa Schalka, frisando que a combinação dos ativos e o crescimento de volume são os focos principais da atuação da Suzano no segmento tissue ao longo deste ano.

Vilas Boas também cita as expansões de capacidade



DIVULGAÇÃO SEPAC

Dias Filho sublinha que, mesmo abaixo dos resultados anteriores, a Sepac conseguiu superar a média do crescimento do mercado de tissue em 2017

de outros grandes players, como a Carta Fabril, que deu *startup* em uma nova máquina de papel recentemente, e a Sepac, que ampliou sua capacidade produtiva com a aquisição da sexta máquina destinada à produção de bobinas e duas novas linhas de conversão. “Temos um cenário ainda bastante desafiador, especialmente por ser um ano eleitoral. Todo esse contexto reflete no mercado tissue. De qualquer forma, vamos seguindo o passo do País. Embora ainda tenhamos desafios pela

frente, com muita concorrência, não vai faltar papel”, avalia o presidente da Sepac.

Mesmo diante dos atuais desafios de mercado, a Sepac deu início a um novo projeto de ampliação, com a instalação de um novo polo de desenvolvimento em Lençóis Paulista-SP. Nesse novo parque fabril, a companhia irá incorporar a fabricação de fraldas pediátricas, com uma nova máquina que já está em fase de pré-montagem, na montadora.

A influência do cenário político-econômico nas projeções para 2018

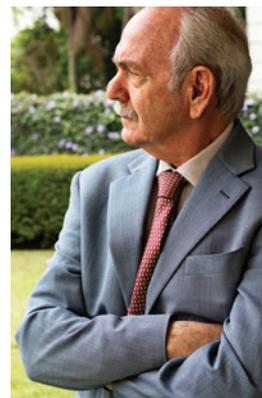
Com base nos resultados apresentados pela economia brasileira em 2017 e nos últimos desdobramentos que compõem a atual conjuntura macroeconômica do Brasil, Nathan Blanche, sócio-fundador da Tendências Consultoria Integrada, vislumbra um cenário básico positivo para 2018. Ele informa que as projeções para o PIB e para a produção industrial deste ano são de 2,8% e 5,0%, respectivamente. A indústria de transformação, na qual o setor de celulose e papel está inserido, deve crescer 5,4% em 2018, projeção que representa um crescimento superior ao da indústria como um todo. “Considero nosso cenário bastante realista: ele tem 60% de chance de se confirmar”, afirma Blanche.

O sócio-fundador da Tendências alerta, contudo, que as inúmeras adversidades ainda existentes não serão aplacadas sem medidas corretivas. “A grande revolução que este atual governo pós-impeachment fez, diz respeito à mudança da equipe econômica e à consequente virada contextual de gestão da economia, deixando a antiga matriz econômica para trás. Porém, as contas públicas continuam sendo o grande desastre da economia brasileira”, aponta ele. “Os ganhos conquistados pela nova equipe econômica esgotaram-se. A deteriorização das contas fiscais continua em ritmo acelerado nos três níveis do poder, seja federal, estadual e municipal. Os sinais que tivemos até o momento são fruto de um crescimento advindo de uma recuperação cíclica, mas, dado o tamanho do buraco em que o País se encontra, não é um crescimento sustentável”, enfatiza, deixando claro que o Brasil só terá um crescimento efetivo com o acerto das contas públicas e a volta do investimento.

A origem do descontrole orçamentário pode ser vista em números, segundo Blanche. Entre os exemplos, ele aponta que, em 2016, 40,6% do orçamento público foi destinado ao financiamento do rombo da previdência. “Se seguirmos assim, em 2020, esse valor deverá ultrapassar os 50%. Isso significa que mais da metade do orçamento público não será destinada a investimentos em saúde, educação, segurança ou qualquer outra área de preservação e manutenção da máquina pública, mas sim ao pagamento de quem já não produz.”

Blanche ressalta que, com a atual situação, o País volta a correr o risco de insolvência fiscal já no início de 2019, o que significa o estouro das duas regras constitucionais: a regra de ouro e o limite do teto dos gastos. Na visão do sócio-fundador da Tendências, ao votar contra as reformas previdenciárias, o congresso colocou o próximo governo a ser eleito a ser acusado de crime de responsabilidade – semelhante ao que promoveu o impeachment da presidente Dilma Rousseff. “A solução hoje vislumbrada por Brasília para superar tal impasse seria o congresso aprovar um crédito suplementar, ou seja, aumentando a dívida pública. O resultado disso seria mais um voo de galinha para a economia brasileira”, alerta Blanche. “Viveríamos um retorno da história, ao tentar promover crescimento por meio de emissão de moeda e subsídios, com resultados econômicos já conhecidos historicamente: mais inflação, mais aumento de juros e mais desemprego”, completa.

Para Blanche, o quadro difícil em que estamos mergulhados no âmbito político, econômico e até mesmo institucional leva a incertezas e insegurança dos agentes econômicos internos e externos em relação ao futuro da economia do País, impedindo assim a volta do investimento, fator preponderante para a retomada do crescimento econômico. “Tal cenário coloca às lideranças empresariais e aos formadores de opinião o desafio de alertar o público eleitor brasileiro sobre o fato de que o resultado destas eleições são dicotômicos: ou elegemos partidos ou coalizão de centro direita, que têm em seus programas de governo a continuidade das reformas estruturais, ou elegemos políticas populistas, com desenvolvimentistas de esquerdas, cujos resultados se espelham em países da América Latina, como Cuba e Venezuela”, opina o sócio-fundador da Tendências.



DIVULGAÇÃO TENDÊNCIAS

Blanche ressalta que, com a atual situação, o País volta a correr o risco de insolvência fiscal já no início de 2019, o que significa o estouro das duas regras constitucionais: a regra de ouro e o limite do teto dos gastos

“Para essa nova unidade também vamos implementar duas linhas de conversão, de bobinas jumbo de papel tissue produzidas em nossa unidade de Mallet, proporcionado pelo aumento de produção com a nossa última aquisição de máquinas”, revela Dias Filho. Por entender que a região é estratégica para os seus negócios, a Sepac também irá construir um Centro de Distribuição em Lençóis Paulista. “Trata-se de uma localização estratégica, muito bem servida por estradas e facilidades logísticas pelo cruzamento com todas as rodovias que atendem ao Sudeste”, justifica o presidente da empresa.

A presidente executiva da IBÁ lembra que, cada vez mais, os papéis tissue passam a incorporar o dia a dia dos brasileiros e por isso têm grande potencial de crescimento no mercado interno. “O aprimoramento faz parte do trabalho para esta impulsão, já que o desenvolvimento de produtos com mais qualidade estimula o consumo”, sublinha Elizabeth. Atualmente, dados de mercado indicam que o consumo per capita de tissue do brasileiro é de cerca de 6 kg/hab/ano, enquanto em países desenvolvidos é de 25 kg/hab/ano e na América Latina, Chile e México, chega a 13 kg/hab/ano e 9 kg/hab/ano respectivamente.

Elizabeth lembra que, em paralelo à dedicação aos segmentos em que atua, o setor de árvores plantadas tem investido em inovação, tanto na base florestal quanto industrial, para levar ao dia a dia da sociedade produtos da mais alta tecnologia. “A estimativa do setor é de investimento de R\$ 14 bilhões entre 2017

e 2020. Boa parte desse investimento será destinado para Pesquisa & Desenvolvimento, dividido entre indústria e floresta. Este é, sem dúvidas, um caminho para desenvolver novos mercados e produtos”, aposta a presidente da IBÁ.

São muitos os segmentos que podem se beneficiar da matéria-prima extraída de pinus e eucalipto. Aviação, construção civil, indústria automobilística, eletrônica, química, têxtil, de cosméticos, farmacêutica e médica são alguns exemplos listados por Elizabeth. “Atualmente já há produtos como adesivos, aromatizantes, tintas e corantes, cuja base de fabricação é a lignina, componente extraído da madeira. “Sobre o futuro, segue a presidente da IBÁ, é importante destacar a nanocelulose e os nanocristais, que estão em estudos para desenvolvimento de produtos como telas flexíveis e de LCD, remédios, cosméticos, bioplásticos e até componentes estruturais de aeronaves. “Há um longo caminho a ser percorrido, mas os primeiros passos estão sendo dados”, acredita ela.

O mercado de carbono situa-se como mais uma realidade futura promissora. Segundo Elizabeth, ele deve ser regulamentado até 2019. “Esse será um importante mecanismo de incentivo à preservação ambiental e redução de emissões de gases causadores do efeito estufa. As empresas do setor de florestas plantadas do Brasil poderão atuar nesse mercado, que tem início previsto para 2020, pois já possuem crédito de carbono”, prospecta para os próximos anos. ■

Em paralelo à dedicação aos segmentos em que atua, o setor de árvores plantadas tem investido em inovação, tanto na base florestal quanto industrial, para levar ao dia a dia da sociedade produtos da mais alta tecnologia



DIVULGAÇÃO CONSUFOR